

**Gramaticalização no domínio da causalidade<sup>1</sup>**

**Grammaticalization in the domain of causality**

**FABRÍCIO DA SILVA AMORIM\***

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” (UNESP/BRASIL)

**RESUMO**

Baseado na abordagem da Gramaticalização (HOPEER; TRAUGOTT, 1993), este artigo apresenta uma análise comparativa entre os conectores causais *por causa que*, *porque* e *que*, a fim de atestar a implementação de um processo de especialização semântico-pragmática (HOPPER, 1991) no inventário dos conectores causais do português falado. Os usos desses conectores são descritos à luz da proposta de Sweetser (1991), segundo a qual a relação de causalidade pode ser estabelecida em três domínios distintos: o domínio referencial, o domínio epistêmico e o domínio dos atos de fala. Além disso, parte da análise se baseia no princípio funcionalista da iconicidade (NEVES, 2004, 2010).

<sup>1</sup> Este artigo traz parte dos resultados da Dissertação de Mestrado intitulada “Construções causais com *por causa que*: um caso de gramaticalização”, defendida em fevereiro de 2012, no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, tendo contado com a orientação da Profa. Dra. Sônia Bastos Borba Costa (que está isenta de ser responsável por quaisquer falhas que persistirem neste texto).

\*Sobre o autor ver página 62, no final do artigo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gramaticalização. Causalidade. Conectores. Especialização. Iconicidade.

**ABSTRACT**

*Based on the Grammaticalization approach (HOPEER; TRAUOGOTT, 1993), this article presents a comparative analyze among the connectors *por causa que* (“by cause that”), *porque* (because) and *que* (that), aiming at asserting an implementation of a semantic-pragmatic specialization (HOPPER, 1991) among spoken Portuguese causal connectors. The uses of the connectors in question are discussed using the semantic-pragmatic approach designed by Sweetser (1991), according to which causality can be established in three distinct domains: the referential domain, the epistemic domain and the speech act domain. Furthermore, part of the analyze is based on the iconicity functionalist principle (NEVES, 2004, 2010).*

**KEYWORDS:** *Grammaticalization; Causality; Connectors; Specialization; Iconicity*

## 1 Apresentação

Muitos estudos sobre a conexão causal têm apontado que há, no português falado e escrito, uma grande variedade de conectores responsáveis por codificar a relação de causalidade (Cf. LOPES, 2004; NEVES, 2000; PAIVA; BRAGA, 2006, 2010). Sweetser (1991), analisando usos do conector inglês “because”, mostra que a relação de causalidade pode se manifestar em três domínios distintos: o domínio referencial, o domínio epistêmico e o domínio dos atos de fala. Esses domínios representam uma escala crescente de abstratização da noção de causa. Aplicada aos conectores causais do português, a proposta de Sweetser contribui para descrever os seus diferentes usos na modalidade oral.

O objetivo deste trabalho é investigar, com base na abordagem da Gramaticalização (HOPEER; TRAUOGOTT, 1993), o processo de especialização semântico-pragmática (HOPPER, 1991) que se manifesta

entre os conectores *por causa que*<sup>2</sup>, *que* e *porque*<sup>3</sup>. Os dados foram obtidos a partir dos seguintes *corpora*: “Coleção de Amostras do Português Falado no Semi-Árido Baiano”, organizada na Universidade Estadual de Feira de Santana (BA); “Projeto Vertentes” (1ª fase), desenvolvido na Universidade Federal da Bahia, e “Projeto Mineirês”, desenvolvido na Universidade Federal de Minas Gerais. Os três *corpora* fornecem amostras do português brasileiro falado que se localizam na transição entre os séculos XX e XXI, como é o caso dos dois primeiros, e no início deste século (2006-2008), conforme se observa no “Projeto Mineirês”. Esse recorte temporal representa, portanto, a **sincronia** sobre a qual o presente trabalho se debruça.

## 2 Padrões semântico-pragmáticos dos conectores causais

Os padrões de uso dos conectores *por causa que*, *porque* e *que* são aqui analisados com base na proposta de Sweetser (1991). Vale salientar, entretanto, que, como alguns dados não se acomodaram à proposta tripartida da autora, foi preciso acrescentar mais um domínio, a saber, o domínio discursivo (Cf. PAIVA; BRAGA, 2010). Estão no domínio discursivo os casos em que o conector causal introduz uma porção narrativa, apresentando uma conexão causal bastante ofuscada. Ao que parece, nesse domínio, há uma frouxidão sintática e semântico-pragmática mais acentuada que no domínio dos atos de fala. Em (1) a (12) a seguir, veem-se casos prototípicos em que um mesmo conector marca a relação de causalidade em diferentes domínios:

### I. Referencial

- (01) Doc.: E... e... muita confusão também no ônibus...?  
Inf.: É, sempre dá confusão no ônibus.

<sup>2</sup> Esse conector representa a forma prototípica entre suas variantes. Assim, também foram consideradas, nesta análise, as formas “por causa/causo (de) que”, “causa/causo (de) que”.

<sup>3</sup> Apesar de outros conectores causais terem sido identificados nos *corpora*, como a forma “como”, optou-se por um recorte, privilegiando, além da locução *por causa que*, objeto desta pesquisa, os mais frequentes, representados, portanto, pelas formas *porque* e *que*.

Doc.: Mas por que isso assim? Um pisa no pé do outro, o que é que é...?

Inf.: Pisa por causa que **entra... muita pessoa sempre... (PV, H, 05)<sup>4</sup>**

(02) ...onteonte mermo eu tomei um monte de comprimido. Eu tomei três de vez porque **minha pressão subiu logo assim e encheu. (PV, S, 05)**

(03) ...quando foi da quaresma, a gente não pode fazê a roça, que **não choveu. (PV, RC, 11)**

## II. Epistêmico

(04) Doc: Hum! Você acha, assim, que os teus pais sentem falta dos teus irmãos que estão em São Paulo?

Inf: Com certeza. Nossa! Eles se preocupa mais do que os que tão aqui, entendeu? Por causa que **o que tão aqui eles tão sempre veno, né? E os de lá não sabe o que tá aconteceno. (ALFSB, J, 07)**

(05)... à noite por exemplo [os estudantes de Ouro Preto] talvez nem estuda porque **gastam tanto dinheiro com biritá e tudo mais, sempre tem festa, toda república tem festa, geral mesmo, churrasco, biritá mesmo todo dia o povo tá gastando dinheiro... (PM, OP, 02)**

(06) Tem deles aqui que é... num gosta muito de trabalhar, tem, raro, né? Que é **o povo aqui da roça tudo quase trabalha... (ALFSB, J, 09)**

## III. Atos de fala

(07) Ô, menino! Ô...ô, Domingo, abre...abre essa portêra aqui, pa mim, fazendo favô! Por causa que **eu tô convesano com rapa'í... (PV, H, 06)**

(08) Aí a hora que o doutor falou assim: “óh dona levanta as mão pro céu agradeça Nosso Senhor que sua fia tá curada, porque

<sup>4</sup> A identificação dos exemplos se dá da seguinte forma: a primeira sigla refere-se ao *corpus*; a segunda, à região ou comunidade catalogada e, por fim, apresenta-se a identificação do informante, que pode ser feita através da abreviação do seu nome ou através de algum número. Por exemplo, em “PV, H, 05”, têm-se: Projeto Vertentes, Helvécia (comunidade) e informante 05.

**do jeito que essa menina chegou aqui, óh dona, eu não sei não”! (ALFSB, RC, 01)**

- (09) Comé que ela vai ficá com próprio sangue da fia? Comé que os neto vai chamá, que ela tinha duas netinha, vai tirá três. Comé que as menina vai chamá? Ele de avô e ela? Que **tomô o próprio cunhado da fia, tomô o sogro da fia. (PV, S, 05)**

#### IV. Discursivo

- (10) ... eu tenho um grande amigo, o NP. Né? Eu rio muito quando eu lembro dessa história. Por causa que tem uma fazenda aqui... aqui... que chama NP. Né? E numas férias aí de janeiro de 99, né? A gente pegô e saiu. Né? Saímos pra passeá. Né? Eu e mais cinco colegas, contano com o NP. Então a gente era muito inocente. Sabe? E a gente curtia muito a vida. Era muita trapalhada, era uma coisa muito legal. E uma certa hora, o NP pegô... e a gente tava brincano, chamano ele de bafo. Né?

- Ô bafo!

Aí...NP:

- Ô! Tem dó! Tem dó! Num fala isso aí não!

E ele ta até aqui presente. Né? E a gente foi falando. Ô bafo daqui, ô bafo dali e ele muito bravo, foi se irritano, foi se irritano... quando vê. Né? Ele pega e ... nós pegamo e começamo a brincá . Né? E num sei *porque* que nós chamava ele de bafo. Aí, ele muito bravo disse:

- É, num sei que, a vó NP que começô a me chamá de bafo. **(PM, ARC, 09)**

- (11) Doc.: Cê é a favor... da reforma agrária?  
 Inf.: Rapaz, no caso, de um modo eu sou, de oto, não sô, porque é o seguinte: cada um conta, a gente que mora aqui na roça, diz que vai tomar a tcherra de fulano, bertano; agora, no caso, quem tem muntha terra pura que num, num..., no caso, quem tem muita terra pura deveria dar pá quem trabaia, agora tem munthas pessoas que tá lá... na... fazenda daquele... como é que chama, é o..., que chama um bocado de gente pra fazer como é..., esqueço o nome agora. **(PV, S, 06)**

- (12) Agora, histórias... sabe... eu guardo comigo a minha vida inteira, quando eu crescê assim, for alguém na vida... é uma história

muito engraçada da minha infância. Né? Que eu tenho um grande amigo, o NP. Né? Eu rio muito e quando eu lembro dessa história. *Por causa que* tem uma fazenda aqui... aqui... que chama NP. Né? E numas férias aí de janeiro de 99. né? A gente pegô e saiu. Né? Saímos pra passeá. Né? Eu e mais cinco colegas, contano com o NP. Então a gente era muito inocente. Sabe? E a gente curtia muito a vida. Sabe? Era muita trapalhada, era uma coisa muito legal. E uma certa hora, o NP pegô... e a gente tava brincano, chamano ele de bafo. Né? **(PM, ARC, 09)**

Dessa forma, no grupo I, estão construções em que a relação de causalidade-estabelecida envolve dois estados de coisas, sendo um a *causa efetiva* para a ocorrência do outro (Cf. NEVES 2000, p. 804): em (03), por exemplo, a não ocorrência da chuva é causa efetiva da impossibilidade “fazer roça” (plantar/cultivar algo). No segundo grupo, as relações causais estabelecidas baseiam-se na avaliação do falante. De acordo com Neves (2000, p. 805), não há, nesse caso, causalidade entre *predicações*, mas entre *atos passíveis*. Por exemplo, em (05), o informante, ao tratar dos estudantes universitários de Ouro Preto, afirma que, talvez, eles não estudem à noite e aponta como causa disso um fato que, na realidade, se caracteriza como uma visão pessoal e generalizante: baseada na observação de que esses estudantes estão sempre em bares e festas, à noite, conclui que eles possivelmente não estudam nesse período do dia. Já no grupo III, os enunciados codificam relações causais estabelecidas entre atos de fala, ou seja, mais uma vez, não se trata de apontar a causa de um evento (predicação), mas justificar um ato implícito ou explícito no próprio ato de dizer. (09) é bastante prototípico, visto que, no segmento efeito, há um ato de fala *interrogativo*, justificado através da cláusula causal introduzida pela forma *que*. No último grupo, a causalidade é estabelecida em um nível mais elevado que o da sentença, a saber, o discursivo. Desse modo, em seus empregos discursivos, os conectores *por causa que*, *porque* e *que* parecem ser menos causais e mais textuais (Cf. PAIVA; BRAGA, 2010, p. 58), servindo como um elo entre porções discursivas, sem, notadamente, explicitar uma relação causal estabelecida entre elas. Note-se que em (11), por exemplo, o informante apresenta uma opinião e introduz a

justificação dela através da forma *porque*; entretanto, o que se apresenta em seguida é uma argumentação mais extensa que parece diluir uma possível relação de causalidade em relação ao que antes se afirmou. Além disso, chama a atenção, nesse caso, a expressão “é o seguinte” que segue a forma *porque*: tal expressão corrobora a sugestão de que, em seguida, será apresentada uma argumentação mais ampla, e não uma cláusula que justifique, diretamente, a opinião expressa no segmento efeito.

A observação dos exemplos acima evidencia que, no português falado, os conectores *por causa que*, *porque* e *que* podem estabelecer diferentes nuances da noção semântica de causa. Entretanto, ao se comparar a distribuição dessas formas entre os referidos domínios, verifica-se que cada um tende a marcar a relação causal em um domínio específico. A Tabela 1 a seguir mostra a distribuição das formas em análise entre esses domínios:

**Tabela 1:** Distribuição das cláusulas *por causa que*, *porque* e *que* entre os domínios de causalidade

Conector	Refer.	(%)	Epist.	(%)	Atos de fala	(%)	Discur.	(%)	Total
<i>Por causa que</i>	81	81	05	05	13	13	01	01	100
<i>Porque</i>	164	37	43	10	222	50	13	03	442
<i>Que</i>	55	22	25	10	160	65	05	03	245

A observação desses resultados licencia a inferência de que tem havido um processo de especialização semântico-pragmática no inventário dos conectores causais do português falado, conforme será mais bem discutido a seguir.

### 3 Gramaticalização, especialização e iconicidade

A análise dos conectores causais *porque*, *que* e *por causa que*, quanto aos domínios de causalidade, evidencia que cada um deles tende a

especializar-se na expressão de uma nuance específica de causa. Como se observa na Figura 01, tem havido maior frequência da locução “*por causa que*” no domínio referencial (81%), enquanto o conector “que” estabelece a relação de causalidade, na maioria dos casos, no domínio dos atos de fala (65%). O caso do *porque*, por sua vez, apresenta metade de suas ocorrências no domínio dos atos de fala; a outra metade se distribui entre os domínios referencial (37%), epistêmico (10%) e discursivo (03%). Assim, entre os três conectores em análise, o *porque* se apresenta como quantitativamente mais polissêmico no português falado (Cf. PAIVA, 1995; LOPES, 2004; PAIVA; BRAGA, 2010).

Para uma melhor compreensão da ideia delineada acima, opta-se, nesta análise, por dicotomizar os padrões semântico-pragmáticos da relação de causalidade, resultando em duas categorias, aqui denominadas de *causa estrita* e *causa alargada*. Tal dicotomia baseia-se na proposta de Lobo (2003 apud LOPES, 2004, p. 19), segundo a qual as construções causais podem agrupar-se em dois grupos semânticos: o das *causais propriamente ditas* e o das *causais explicativas ou de enunciação*. No primeiro caso, incluem-se as relações causais estabelecidas nos domínios referencial e epistêmico. A inclusão desses dois domínios em uma única categoria encontra respaldo na própria proposta de Sweetser (1991), que reconhece serem tênues os limites entre eles, o que justifica a ocorrência de alguns casos ambíguos (SWEETSER, 1991, p. 77). Por sua vez, as causais explicativas ou de enunciação referem-se aos casos em que a relação causal é estabelecida no domínio dos atos de fala. Nesta análise, portanto, a denominação *causa estrita* refere-se aos casos em que a causalidade localiza-se nos domínios referencial e epistêmico, enquanto a denominação *causa alargada* é utilizada para os casos em que a causalidade está no domínio dos atos de fala<sup>5</sup>.

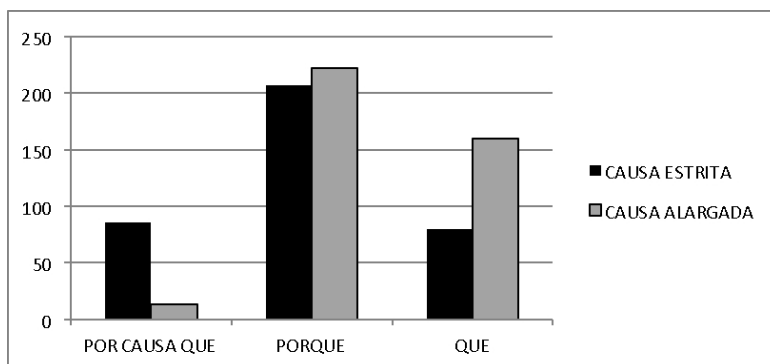
Assim, a redistribuição dos resultados expostos na Figura 01 acima pode ser visualizada através do gráfico a seguir:

---

<sup>5</sup> Dada a baixa incidência de usos discursivos e seu caráter frouxo quanto à expressão da causalidade, esses casos foram excluídos nesta etapa da análise.



**Grafico 1:** Frequência type de porque, que e por causa que de acordo com a dicotomia causa estrita x causa alargada



Conforme se verifica acima, a especialização manifesta-se de maneira mais evidente quando se considera, de um lado, a locução *por causa que* e, de outro, o conector *que*. O comportamento polissêmico do *porque* bloqueia considerações mais precisas a respeito de sua especialização, embora se perceba uma ligeira tendência em relação à marcação de causa alargada.

Além do comportamento notadamente polissêmico do conector causal prototípico, o baixo número de ocorrências da locução *por causa que* nos *corpora* analisados também inviabiliza conclusões mais definitivas: do total de ocorrências de conectores causais identificados nos *corpora* – *por causa que*, *por causa de*, *porque* e *que* –, dados referentes ao primeiro representam apenas 12%. Por outro lado, o fato de haver poucos casos dessa locução sugere tratar-se de uma forma inovadora, que se encontra em um estágio incipiente de implementação (PAIVA, 2001, p. 31). Outro aspecto que ratifica o caráter inicial do processo de gramaticalização do *por causa que* é a possibilidade de aplicação dos princípios de Hopper: como apresentado em Amorim (2011), todos os princípios propostos por Hopper (1991) são aplicáveis à gramaticalização dessa locução, caracterizando-a, assim, como uma forma que não se encontra em um estágio avançado do processo.

Dessa maneira, é possível aventar a hipótese de que, com o avanço do processo de gramaticalização do conector *por causa que* e,

por conseguinte, o aumento de sua frequência (BYBEE, 2003, p. 602), haja uma repartição mais precisa entre os conectores em análise e os domínios de causalidade.

A emergência do conector *por causa que*, associada ao processo de especialização, pode ter relação com o quase total desaparecimento do conector *pois* do português falado. Nos *corpora* analisados, embora a forma *pois* tenha sido encontrada, não foi identificado seu emprego como conector causal. Nesse sentido, Paiva e Braga (2006) assumem a seguinte hipótese:

a movimentação do Sprep *por causa de* do nível intra-oracional para o nível inter-oracional ocorreria principalmente no domínio referencial, enquanto o conector *porque* estaria se especializando na indicação de relações no nível da enunciação (epistêmico e atos de fala). Dessa forma, estaríamos observando um processo de restabelecimento de uma repartição funcional, obscurecida com o desaparecimento do conector *pois*, na modalidade oral. (PAIVA; BRAGA, 2006, p. 83)<sup>6</sup>

Vale salientar, entretanto, que, à luz dos dados analisados neste trabalho, é mais provável que o desaparecimento de *pois* como conector causal tenha contribuído, mais diretamente, para acentuar o comportamento polissêmico do *porque*. Tal polissemia talvez esteja exigindo uma “divisão de tarefas”; daí a emergência da forma *por causa que*.

A presença da especialização no inventário dos conectores causais é identificada também em outras línguas. No francês, por exemplo, há conectores causais especializados em marcar relações em domínios específicos. Degand e Fargad (2008), em estudo diacrônico, apontam que a forma *parce que* tornou-se o conector causal mais frequente no francês falado atualmente, enquanto a forma *car* tem se restringindo à linguagem escrita. Segundo os autores, *parce que*, além de manter-se como conector

<sup>6</sup> Entretanto, Candido (2009, p. 127) afirma que “a proposta de Sweetser (1991) acerca dos domínios conceituais revela a multifuncionalidade do *pois*, uma vez que, para as construções conjuncionais, constatamos que esse elemento atua nos três níveis propostos pela autora: **conteúdo** (mundo real/sóciofísico), **epistêmico** (raciocínio lógico) e **conversacional** (atos de fala)”. Ainda que se reconheça essa multifuncionalidade, é consensual a ideia de que a conjunção *pois* tende a marcar relações causais no domínio da enunciação (cf. LOPES, 2004, p. 93).

que estabelece uma relação de causa estrita, tem passado por um intenso processo de (inter)subjetivação. Para explicar o crescente processo de (inter)subjetivação desse conector, Degand e Fargad (2008) lançam a hipótese de que, como *car* tornou-se quase inexistente no discurso oral, *parce que* passou a assumir todos os “postos” na marcação de causalidade (DEGAND; FARGAD, 2008, p. 127). Conforme se descreveu acima, processo semelhante pode ter se manifestado no português em relação aos conectores causais em questão: o quase total desaparecimento de *pois*, no português oral, intensificou o processo de subjetivação do *porque*, tornando-o multifuncional.

Por tudo isso, parece haver, entre os conectores causais, um rearranjo que mantém uma repartição funcional, atestando o pressuposto de que “a língua está em fazimento a todo instante” (COSERIU, 1979, p. 106).

Além disso, a partir do princípio funcionalista segundo o qual “a extensão ou a complexidade dos elementos de uma representação linguística reflete a extensão ou a complexidade de natureza conceptual” (NEVES, 2004, p. 104), pode-se aventar a hipótese de que está havendo a manifestação de uma relação icônica no que tange ao pareamento forma/significado<sup>7</sup> dos conectores em análise. Assim, em termos de iconicidade, considerando-se o subprincípio da quantidade, maior peso fonético e complexidade morfológica, configura-se maior complexidade cognitiva; ao contrário, menor “quantidade” de forma sugere menos “conteúdo”, ou pelo menos, um conteúdo menos explícito (NEVES, 2010, p.23).

Com base nesse subprincípio e nas análises apresentadas na seção anterior, é possível propor uma hipótese que explicaria a maior frequência da locução *por causa que* no domínio referencial e da forma *que* no domínio dos atos de fala. Antes, é válido dizer que se toma aqui como “conteúdo” a relação semântica de causa. Nesse sentido, quanto mais relacionada à noção de causa estrita, mais conteúdo tem uma forma. Desse modo, no domínio dos atos de fala, a relação causal é mais abstrata, caracterizada por uma causalidade ofuscada. A forma *que* parece apresentar, então, menos forma para codificar uma relação semântica mais abstrata. Ao

<sup>7</sup> “Significado” aqui tem acepção ampla, referindo-se a valores semântico-pragmáticos.

contrário, as relações causais estabelecidas no domínio referencial são mais concretas, na medida em que se relacionam mais diretamente com fatos do mundo real. O conector *por causa que*, dispendo de mais forma, apresenta, portanto, mais conteúdo nos termos aqui adotados. Nessa perspectiva, é possível detectar a presença de uma relação icônica da língua entre os conectores causais: “a redução fonológica parece atuar sobre a forma em gramaticalização para ajustá-la ao domínio dos itens gramaticais, cuja grande maioria apresenta pouca substância fonética, por conta do ‘pouco’ conteúdo de expressão” (GONÇALVES et al., 2007, p. 34). Essa hipótese reconhece, portanto, a existência de uma correlação entre gramaticalização, especialização e iconicidade.

Bybee (2003, p. 603) destaca que o aumento da frequência de um determinado item em gramaticalização pode acentuar um processo de redução fonética ou uma fusão de elementos que se dispõem numa mesma sequência sintagmática. Pode haver, ainda, um enfraquecimento semântico<sup>8</sup>. Ilustra essa ideia o que afirma Neves (2010, p. 24): ao se referir às locuções conjuncionais adverbiais em estágios mais avançados de gramaticalização, a autora destaca que “se aproximam de valores mais neutros de conjunções simples, mostram-se mais **opacas**, mais **reduzidas**, mais regulares, mais rotineiras” (grifos acrescidos). A discussão desenvolvida permite conceber a seguinte correlação de *continua*:

**Tabela 2:** Continua de gramaticalização de conectores causais

Relação de causalidade	Causa estrita > Causa alargada
Conectores	<i>Por causa que/Porque</i> > <i>Que/Porque</i>
Forma/Conteúdo	[+ forma/+conteúdo] > [- forma/ - conteúdo]

Por ser esta uma investigação que se insere na visão funcionalista da linguagem, considera-se, portanto, que a manifestação de relações icônicas pode representar um fenômeno que interfere na tendência

<sup>8</sup> É importante destacar, contudo, o posicionamento de Traugott e König (1991). Segundo eles, à medida que se tornam mais gramaticalizadas, as formas não sofrem enfraquecimento semântico, mas um aumento de “informatividade” assentada na expressão subjetiva do falante, ou seja, assumem valores mais pragmáticos.

em especializar-se, semântica e pragmaticamente, identificada nos conectores causais *por causa que*, *porque* e *que* encontrados nos *corpora*. Caso haja a intensificação do processo de gramaticalização do conector *por causa que*, é provável que o tripé “gramaticalização, especialização e iconicidade” assumam formas mais nítidas, trazendo evidências que corroborem o imbricamento de aspectos morfosintáticos e semântico-cognitivos, bastante presentes nos processos de gramaticalização de conectores.

#### 4 Considerações Finais

A gramaticalização do *por causa que* parece estar acentuando um processo de especialização semântico-pragmática entre os conectores causais do português falado. A forma *por causa que* estar-se-ia implementando na língua para especializar-se na marcação de relações causais no domínio referencial, enquanto a forma *que* manteria a sua forte tendência em expressar a causalidade no domínio dos atos de fala. Como as análises mostraram que seus usos se distribuem, proporcionalmente, entre a marcação de *causa estrita* e *causa alargada* (considerando a dicotomia proposta na seção 3), por ora, a especialização do *porque* é questionável. Contudo, o próprio comportamento multifuncional dessa forma – que pode ter sido ocasionado pelo quase total desaparecimento do *pois* causal na língua falada – talvez esteja exigindo uma “divisão de tarefas”, o que pode estar permitindo a implementação do *por causa que* no inventário dos conectores causais do português.

Mas um fato chama bastante a atenção: os conectores *porque* e *que*, os mais frequentes da amostra – 52% e 29%, respectivamente, do total dos dados –, apresentam grande parte dos seus usos no domínio dos atos de fala (*causa alargada*). Apesar de também ter percentual expressivo no domínio referencial e, por isso, caracterizar-se como multifuncional, o *porque* tem precisamente metade de suas ocorrências no domínio dos atos de fala. Mais ainda é o percentual referente aos casos de *que* também nesse domínio: 65%. Conforme já assinalado, apenas o *por causa que*,

que constitui 12% da amostra, é usado, na grande maioria dos casos no domínio referencial (81%). Esse fato parece evidenciar, portanto, que os falantes têm optado por outras estruturas linguísticas para expressar relações causais referenciais. Assim, é possível pensar que tal preferência, esquematicamente, recai sobre a estrutura do tipo (b) abaixo:

- (a) **Y porque/que X** = relação causal **mais abstrata**.  
 (b) **X aí/daí/ então/ por isso Y** = relação causa **mais referencial**.

O esquema (b), inclusive, é notadamente icônico, porque apresenta os fatos na ordem CAUSA-EFEITO, como mostra o exemplo a seguir:

- (13)... a mulé acabô o casamento, **aí** [ele] ficô doido. (PV, S, 05)

Foram recorrentes nas amostras analisadas casos em que o informante apresenta a relação causal sob a forma (a) acima e, em seguida, a reforça, tomando o próprio segmento causal como efeito para estruturar uma construção na forma de (b):

- (14) Tive que vim logo cedo pagá, porque **hoje é dia de fazer a fêra, aí eu vim cedo**. (PV, H, 06)  
 (15) Foi bom porque **fez muito por essa luz aí**, porque **colocou essa luz aí pra gente**. **Aí melhorou muito, né?** (ALFSB, RC, 02)

É possível que, com o avanço do processo de gramaticalização do conector *por causa que* e, por conseguinte, o aumento de sua frequência, a estrutura *Y por causa que X* possa, um dia, de maneira mais expressiva, dividir tarefa com as do tipo (b), quanto à expressão da causalidade no domínio referencial.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, F. S. Alguns indícios sincrônicos da gramaticalização do conector *por causa (de) que*. **Domínios de Linguagem**, v. 5, n. 1. 2011.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. **The Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003.

CANDIDO, F. M. **Os diferentes padrões das construções com pois**. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Unesp: Araraquara, 2009.

COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história**: o problema da mudança linguística. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

DEGAND, L.; FAGARD, B. Intersubjectification des connecteurs. Le cas de **car** et **parce que**. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, v. 3, n. 1, p. 119-136, 2008.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Org.). **Introdução à Gramaticalização**: em homenagem a Maria Luíza Braga. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. p. 17-35.

\_\_\_\_\_; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LOPES, M. H. C. **Aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos das construções causais**: contributo para uma reflexão sobre o ensino da gramática. 2004. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2000.

\_\_\_\_\_. Gramaticalização, discursividade e determinações cognitivo-perceptuais. In: LIMA-HERNANDES, C. (Org.). **Gramaticalização em perspectiva**: cognição, textualidade e ensino. São Paulo: Paulistana, 2010. p. 13-26.

PAIVA, M. C. Gramaticalização de conectores no português do Brasil. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 35-46, 2001.

\_\_\_\_\_. Empregos de porque no discurso oral. **DELTA**. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 27-39, 1995.

\_\_\_\_\_; BRAGA, M. L. Conjunções lexicais e gramaticais: o caso de por causa de. **Gragoatá** (UFF), v. 21, p. 73-86, 2006.

\_\_\_\_\_. Cláusulas causais introduzidas por porque: da sintaxe ao discurso. In: MOLLICA, Maria Cecília. (Org.). **Usos da linguagem e sua relação com a mente humana**. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, v. 1, p. 55-71, 2010.

SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics**. Cambridge: Cambridge University, 1991. p. 23-48.

TRAUGOTT, E. C.; KÖNIG, E. The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E., HEINE, B. (Org.). **Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues**, v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 189-218.

*Recebido em maio de 2012.  
Aprovado em junho de 2012.*

## **SOBRE O AUTOR**

**FABRÍCIO DA SILVA AMORIM** é Mestre em Letras: Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente cursa Doutorado em Estudos Linguísticos na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, no *campus* de São José do Rio Preto. Sob a orientação da professora Sanderléia Longuin-Thomazi, desenvolve pesquisa sobre a gramaticalização de conectores causais na história do português. Seus principais temas de interesses são gramaticalização, relação de causalidade, conectores e articulação de cláusulas.

E-mail: letrasmf@hotmail.com